



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PAISAGENS CULTURAIS E TERRITORIALIDADES NO ESPAÇO FESTIVO DOS QUILOMBOLAS KALUNGA EM CAVALCANTE – GOIÁS¹

CULTURAL LANDSCAPES AND TERRITORIAL SPACE IN FESTIVE OF THE KALUNGA'S QUILOMBO IN THE CAVALCANTE – GOIÁS

Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira²
Universidade Federal de Goiás
jorgeannyf@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa no remanescente de quilombolas Kalunga em Goiás pretende investigar a identidade territorial, as territorialidades e as paisagens culturais da comunidade quilombola do Engenho II por meio de suas manifestações culturais. Apesar da perda de algumas de suas práticas simbólicas, os Kalunga se expressam ricamente e mantêm vivos os costumes no trabalho, nas danças, nas rezas e nas manifestações religiosas. Para realizar essas investigações, tomamos como objeto de estudo a Folia de Santo Antônio. Nessa folia, observaremos a dança e os rituais, pois são formas de (re) afirmação da identidade e (re) significação das territorialidades Kalunga. Os procedimentos metodológicos contarão, além da análise bibliográfica e documental, com a pesquisa em campo para a observação direta e entrevistas com grupo focal.

Palavras Chave: Espaço festivo, Paisagem Cultural, Territorialidades, Identidade.

ABSTRACT

The research in the remnant of Quilombo Kalunga in the Goiás intends to investigate the local identity, territoriality and the cultural landscapes of the maroon community of the Engenho II through their cultural manifestations. Despite the loss of some of its symbolic practices, the Kalunga richly express themselves and keep alive the customs at work, in dancing, in prayer and in religious manifestations. To perform these investigations, we take as objects of study Folia de Santo Antonio. In this revelry, dancing and observe the rituals, as are (re) allege identity and (re) signification of territoriality Kalunga. The methodological procedures will count in addition to the literature review and documentary, with research in the field for direct observation and interviews with focus groups.

¹ O presente artigo é produto do projeto de pesquisa financiado pela CAPES e Ministério da Cultura, pelo edital Pro-Cultura/2009 denominado “A Dimensão Territorial das Festas Populares e do Turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe” desenvolvido pela rede: Programa de Pós Graduação em Geografia da UFC, Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais – LABOTER e Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio Ambientais da UFG e Núcleo de Pós Graduação em Geografia da UFS.

² Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia do IESA/UFG, sob orientação da professora Dra. Maria Geralda de Almeida. Graduada em Turismo pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás e Acadêmica do Curso de Geografia / Licenciatura pelo IESA/UFG.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Key Words: Festive space, Cultural Landscape, Territoriality, Identity.

INTRODUÇÃO

A escravidão no Brasil, a partir do século XVI, propôs um modelo de divisão de trabalho severamente cruel. Até o século XVIII, quando acaba o regime escravocrata no país, negros africanos eram contrabandeados e chegavam ao Brasil em navios de tráfico negreiros. A mão de obra negra era explorada em trabalhos domésticos, rurais e em garimpos, uma vez que a principal fonte de riqueza explorada na então colônia portuguesa eram o ouro e outros metais preciosos. A agricultura e a pecuária eram atividades secundárias, voltadas para a subsistência e transporte de carga.

Em Goiás, a presença do escravo negro surge em decorrência da mineração. O trabalho árduo, os maus tratos e a violência a que eram submetidos geravam revoltas e resistência em forma de “guerrilhas, nas insurreições urbanas, nas constantes fugas para locais de difícil acesso, onde organizavam os mocambos ou quilombos”. (RASSI, 2001, p. 64). Os lugares em que os negros fugitivos se instalavam, geralmente eram fundos de vale, serras e morros. Os quilombos significavam resistência para os negros africanos, pois na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado.

Durante e após a escravidão no Brasil, às comunidades quilombolas se espalharam pelo país, em estados como Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Acre e Roraima. Com a abolição da escravidão, os escravos libertos foram atirados numa sociedade a qual não os acolhiam e não os ofereciam sequer condições de sobrevivência. O quilombo acolheu parte desses negros libertos, pois representava

um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p. 32).

Esses espaços ocupados pelos negros tornam-se territórios de resistência, de reprodução da cultura, de saberes e de práticas sociais de africanos antes escravizados. Atualmente, os quilombos são reconhecidos como comunidades negras, prioritariamente estabelecidas no meio rural e por manterem forte relação com o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

passado a partir da reprodução de suas manifestações culturais. No entanto, as características dessas comunidades vão além, já que cultivam um forte vínculo com a terra, de onde tiram à sobrevivência. As comunidades quilombolas de hoje lutam para manter a organização social pautada na reafirmação da cultura, das práticas socioespaciais e da forma de lidar com o campo.

O quilombo atual, apesar de não mais representar um refúgio do regime escravista, sofre com outros entraves como a pouca infraestrutura, à disputa por suas terras, o direito por serviços básicos como saúde e educação, pela manutenção de seus valores e costumes e pela autonomia local.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares “foram identificadas, oficialmente, 1.000 comunidades” em todo país. No estado de Goiás, existem 22 comunidades quilombolas, somando 1622 famílias certificadas pela Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura, responsável desde o decreto 4.887 pela preservação cultural e da identidade quilombola. As comunidades que receberam certificação no Estado de Goiás, entre outras foi à comunidade Quilombola Kalunga nos municípios de Monte Alegre, Terezina de Goiás e Calvacante (19/04/2005).

O decreto 4887/2003 regulamenta a identificação e reconhecimento dos remanescentes de quilombolas – assim que são reconhecidos, uma vez que abolida a escravidão, os negros deixam de viver na ilegalidade e o local habitado deixa de ser quilombo e passa a ser um remanescente – delimita e demarca as terras ocupadas pelos quilombolas estabelecendo assim, territorialidade e identidade no espaço marcado por luta, medo e isolamento.

O decreto supracitado define ainda que, os quilombolas são todos aqueles que assim se auto-atribui e que possua relação territorial com as comunidades habitadas por descendentes de escravos. No entanto, as terras eram quase sempre adquiridas a partir de doação ou por meio da compra de terras nos arredores de quilombos. Desse modo, havia possibilidades de doação, herança, compra ou pagamento de terras a negros que escolheram um modo de vida próprio, baseado na agricultura familiar.

Em Goiás, os Kalunga – como são identificados os quilombolas do Norte de Goiás – tem sua comunidade situada no Norte e no Nordeste do estado, ficando



distante cerca de 400 km de Brasília-DF, e 600 Km de Goiânia. No espaço habitado pelos Kalunga predomina os vãos, serras e morros, depressões e vales estreitos, com a presença de rios e uma vegetação de cerrado. Esse espaço como informa Almeida (2010, p. 3), é conhecido como “Vãos da Serra Geral, parte ocupado pelo vale do Rio Paranã e seus afluentes, às bordas da Chapada dos Veadeiros na qual se encontra o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros”.

De acordo com Rosa (2009), apesar de séculos de ocupação pelos quilombolas, esta área só foi reconhecida como uma reserva pertencente aos Kalunga em 1988, pelo artigo 16 da Constituição Estadual de Goiás. O Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga foi criado três anos mais tarde, pela Lei Estadual Complementar 11.409. E em 2000, a Fundação Palmares, por meio da Portaria Interna de número 40 reconhece o domínio do perímetro demarcado em favor da Comunidade Kalunga.

As leis de reconhecimento e em favor da proteção da biodiversidade e cultura dos remanescentes quilombolas no Estado de Goiás, geraram interesses por parte de instituições públicas e privadas em pesquisá-las. Os hábitos dessas comunidades, consideradas tradicionais, passaram a apresentar importância para a academia e para o próprio Estado, pois permanece a junção entre a religiosidade católica e os rituais, símbolos e práticas ligadas à cultura africana. Essas práticas são relações históricas que foram estabelecidas com o lugar de vivência. Esses hábitos são aspectos que permitem que o grupo mantenha sua relação de pertencimento ao lugar. Percebemos diante dessas manifestações a identidade territorial, uma vez que “ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência ‘condense’ a memória do grupo”. (HAESBAERT, 1999, p. 180).

Diante dessas premissas buscamos investigar a identidade territorial e territorialidades da comunidade quilombola do Engenho II através de suas manifestações culturais. Como objeto de estudo propõe-se a Folia de Santo Antônio que possui uma relação muito forte dos Kalunga com seu pertencimento a terra, as suas atividades agrícolas, sua religiosidade e sua visão de mundo.



Folia de Santo Antônio: territorialidades e paisagens simbólicas no espaço-tempo festivo

A Folia de Santo Antônio é uma das apropriações da paisagem, representa a cultura, os costumes e valores da comunidade quilombola. As atividades produtivas e culturais denotam ao espaço ocupado pelos Kalunga o sentido de lugar. As paisagens foram modificadas e transformadas ao longo do tempo, conforme as atividades desenvolvidas por essa população tradicional, que transmitiu a ela suas práticas culturais. Para Veras (1995, p. 115), o espaço transforma-se em

lugar quando são reconhecidas determinadas expressões culturais atribuídas a um determinado grupo de indivíduos instituídos socialmente, estabelecendo entre eles, relações sociais de interdependência, simbolismo e até solidariedade.

Apesar da perda de algumas de suas práticas simbólicas, os Kalunga do Engenho II se expressam ricamente e mantêm vivos costumes no trabalho, danças, rezas e manifestações religiosas, que relatam no tempo-espaço festivo sua história. Dessa forma, “a sociabilidade local é construída por meio de agrupamentos de famílias, vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades festivas”. (ALMEIDA, 2010, p. 14).

As práticas sociais e culturais definem as territorialidades dessa comunidade, que persistem na manutenção de alguns rituais festivos e simbólicos. O território representa um “espaço social resultado de um processo histórico da relação de um grupo humano com o espaço que o abriga.” (MORAES, 2000, p. 16).

A Folia de Santo Antônio acontece no Engenho II e é um exemplo da tradição preservada pelos Kalunga. A festa é celebrada nos dias 12, 13 e 14 de junho e celebra o arremate de Santo Antônio. Essa festa faz parte das comemorações juninas e é seguida da Festa de São João. A principal cerimônia ocorre nos dias 12, 13 e 14 do mesmo mês. O “giro” da folia acontece em Monte Alegre e no dia 13 se dá o “arremate” no Engenho II em Cavalcante.

São momentos em que a comunidade reproduz as práticas, as relações sociais, seus costumes e valores, por meio de signos e significados que foram incorporados pelos quilombolas no território, marcando nele sua identidade. O “arremate”, a subida do mastro e a dança da “sussa” são rituais característicos da festa de Santo Antônio, essas manifestações representam o cotidiano do povo Kalunga. Por meio dessas práticas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

eles reafirmam sua identidade e no espaço festivo, a comunidade reproduz sua história de fé e devoção. Desse modo, o processo de construção da identidade territorial da comunidade se dá também por meio do culto ao sagrado.

Após a folia e a subida do mastro, começa a dança da “sussa”. Segundo os Kalunga, a “sussa” é uma dança para pagar as promessas feitas pelos fiéis a Santo Antônio. Ela só é tocada na subida ou descida do mastro ou quando alguém for pagar a promessa sagrada feita ao santo. Os rituais celebrados pelos Kalunga é uma forma de reproduzir valores, vivências, saberes e tradição. Essas marcas podem ser observadas no ritmo dançado pelas mulheres da comunidade.

Na *sússia*, as marcas do camdomblé são evidentes: as mulheres dançam girando, com vestidos coloridos, ora aproximando os corpos, ora afastando. Muitas vezes bebem enquanto dançam e o ritmo é marcado pelos cantadores e pelos instrumentos. As letras, normalmente têm duplo sentido (mencionando o baixo-corporal) e as mulheres gargalham, gritam e se movimentam em uma espécie de transe. (SILVA JUNIOR, 2008, p. 4).

Os Kalunga se autodefinem como católicos, todavia as características de manifestar a fé são diferentes da forma em que acontece na religião institucionalizada. O calendário é marcado por muitas festas, assim como o é em outras comunidades do meio rural. Durante as festas, os Kalunga fortalecem os laços de amizade e parentesco quando juntos, organizam as cerimônias religiosas, os rituais e no final comemoram e dançam um ritmo que todos se identificam. É o momento em que todos reafirmam os compromissos de parentesco e o “feixe social de relacionamentos que, de outras maneiras e entre outros, os mesmos símbolos e nomes, são vividos na experiência cotidiana do trabalho [...]”. (BRANDÃO, 1993, p. 18).

A identificação das paisagens culturais e dos saberes locais no que concerne às manifestações culturais e tradicionais é de fundamental importância para o reconhecimento e valorização do povo Kalunga. Além da análise das paisagens culturais, é importante destacar as diferentes territorialidades existentes na comunidade, demarcadas pela religião católica e elementos da cultura africana.

Portanto, a investigação da festa de Santo Antônio em Cavalcanti busca compreender a relação do calendário festivo com o ciclo agrícola e conseqüentemente a relação que a comunidade faz entre trabalho e celebrações de cunho sagrado e profano. A pesquisa visa ainda, o fortalecimento do saber tradicional junto à academia, de forma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a permitir a compreensão de como os Kalunga mantiveram suas terras e seu modo de vida diante as influências modernas de áreas urbanizadas, localizadas tão próximas da comunidade.

Essas investigações irão proporcionar à academia, maior conhecimento acerca da cultura, territorialidades e identidade territorial dos Kalunga, tornando possível um melhor diálogo entre o conhecimento científico adquirido na academia e os saberes tradicionais de modo geral.

O estudo sobre as territorialidades e identidade territorial dos Kalunga no Engenho II exigirá uma compreensão das manifestações culturais, das paisagens culturais e práticas socioespaciais da comunidade. Para isso o contato com a população local é de fundamental importância para a realização da pesquisa. Os procedimentos metodológicos contam com três fases. A primeira fase está pautada na observação direta a partir de visitas na comunidade quilombola, observações das relações socioespaciais e das manifestações culturais como elemento fundamental para a leitura de territorialidades.

A segunda fase consiste em identificar o grupo focal, ou seja, grupos detentores dos saberes locais - as mulheres que dançam a sussa - como procedimento para identificar a relação das práticas festivas e as territorialidades. E a terceira fase tem como objetivo final a realização de entrevistas, a partir de conversas formais e informais com a comunidade do Engenho II. As questões levantadas serão estabelecidas antes de se chegar a campo e acontecerá de forma aleatória.

A pesquisa sobre as territorialidades dos Kalunga visa ainda, “analisar o espaço sob o ângulo da cultura”. (CORRÊA, 1999, p. 50). É importante para a análise do território Kalunga, discussões de temas como a paisagem cultural, identidade territorial e tradição em populações tradicionais. Para Corrêa (1999) a geografia cultural “caracteriza-se pela adoção de inúmeros temas que definem uma tradição”, o que subsidiará os estudos acerca das manifestações da comunidade Kalunga no espaço.

Além disso, será a partir da análise da festa de Santo Antônio, que compreenderemos os valores e saberes dos remanescentes quilombolas partindo do conceito de cultura. Claval (2007) defende que

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é a herança transmitida de uma geração a outra.

Nesse sentido, o tema paisagem tem a abordagem no âmbito cultural. A paisagem simbólica construída pelos Kalunga aconteceu por meio da luta, resistência e transmissão dos saberes tradicionais. Suas manifestações são formas de enraizamento no território e meios encontrados para (re) afirmarem a identidade territorial a fim de fortalecerem as relações socioespaciais.

Os trabalhos realizados sobre a comunidade Kalunga no nordeste goiano, que reconhecem e valorizam as expressões quilombolas, tornaram-se importantes para a academia. Discussões acerca do território, modos de vida e saberes tradicionais destas comunidades contribuíram para o aprendizado e difusão de conhecimentos a acadêmicos e pesquisadores.

A identidade territorial e as paisagens culturais produzidas pela comunidade Kalunga, a partir de suas manifestações culturais, são elementos que subsidiará a compreensão dessa população, de seus saberes e de suas práticas sociais. Para a investigação desses elementos, as festas da comunidade serão estudadas como um aspecto que “faz parte do cotidiano, não se separa dele porque está inserida num ciclo de reprodução da vida”. (MARIANO, 2009, p.3). A festa objeto de estudo, também é uma forma encontrada pela comunidade do Engenho II para que haja a

“concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes” (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Nesse sentido, a festa é a forma em que se estabelece a manutenção e afirmação dos laços de amizade, (re) afirmação de valores culturais, identidades territoriais e relações sociais. A manifestação cultural do povo Kalunga tem ainda, a função de (re) significar seu laço com a terra. O espaço festivo está pautado em rituais religiosos e adoração a santos católicos como forma de celebrar e evocar, sobretudo, as territorialidades do povo Kalunga.

Portanto, “não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos habitantes”. (HAESBAERT, 1999, p.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

172). Faz-se essencial a compreensão da relação do Kalunga com sua terra, os valores e significados que atribuem a ela, sobretudo, as formas que são utilizadas por eles para expressarem essa relação.

A partir dessas premissas, as características sagradas e profanas da festa religiosa de Santo Antônio devem ser estudadas, levando em conta os dois momentos da festa, o primeiro “relaciona-se a uma divindade e o segundo, não”. (ROSENDAHL, 1999, p. 231). O levantamento do mastro, as orações, o giro pela comunidade fazem parte de um ritual sagrado, enquanto a dança da sussa e o forró – que já está sendo inserido nessa manifestação pelos mais jovens - fazem parte do momento profano da festa. Ambos são importantes para a construção da identidade e paisagens culturais dos Kalunga.

Para Hall (2006), a identidade não é uma coisa com as quais nascemos, mas são adquiridas, formadas e transformadas. A identidade Kalunga foi construída a partir da coletividade e pertencimento, mas também está em processo de (re) significação. A relação da comunidade com a terra e com as representações dos rituais simbólicos é transmitida, com a intenção de que os mais jovens sejam capazes de reproduzir os valores, costumes e cultura dos remanescentes de quilombolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações acerca das paisagens simbólicas e culturais no Engenho II são incipientes, todavia, se conhece a diversidade cultural dos remanescentes de quilombolas no nordeste goiano. Essa população é reconhecida como tradicional e seus saberes e tradições estão sendo (re) significados a partir da relação do homem Kalunga – comunidade rural – com as novas técnicas e costumes aprendidos no centro urbano.

As novas técnicas para lidar com o campo, as políticas de assistencialismo, a oportunidade de emprego nas cidades e o consumo de produtos provenientes das áreas urbanas, propõem uma nova forma de vida e costumes aos Kalunga. No entanto, as comunidades têm demonstrado resistência a essas novas tendências. As manifestações culturais ainda apresentam características peculiares, e a Folia de Santo Antônio no território Kalunga tem elementos que a diferem das demais festas em adoração ao mesmo santo no Estado de Goiás.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O espaço festivo e as paisagens simbólicas produzidas pela comunidade demonstram a resistência e a forma com que os Kalunga transferem seu conhecimento e saberes tradicionais aos mais jovens. A dança da sussa é um exemplo de como essa riqueza cultural tem força e valor para as mulheres da comunidade do Engenho II. São signos e significados impressos nas paisagens simbólicas produzidas por essa comunidade no espaço festivo, e que representa a visão de mundo, valores e vínculo dos Kalunga com o lugar, a partir de sua relação com o meio e a permanência de elementos do passado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. **Território de Quilombolas**: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. Revista Ateliê Geográfico – Edição Especial. V. 1, n. 9, fev 2010, p. 36-63.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga**: Povo da Terra. Goiânia: Ed da UFG, 2006. 2ªed.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In. JANCOSO, István & KANTOR, Iris (Org). **Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

MARIANO, Neuza de Fátima. **Tem Festa Caipira**. A Metrópole de São Paulo. In: XII ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA – EGAL, 2009, Montevideo. Anais... Uruguay, 2009. Disponível em: http://egal2009.easyplanners.info/area08/8239_Mariano_Neusa_de_Fatima.pdf Acesso em: 14 de Outubro de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em 14 de Outubro de 2010.

MORAES, A. C. R. Introdução In: MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no "longo " século XVI**. São Paulo: Hucitec, 2000, pp. 15-27.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

RASSI, Sarah Taleb; MOLINA, Suely; AMADO, Lúcia. **O Brasil Também é Negro**. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

ROSA, Edna F. Comunidade quilombola Kalunga: entre o direito étnico, as políticas públicas e a legislação ambiental. In: THEODORO, Suzi; DUARTE, Laura; VIANA, João (orgs.). **Agroecologia: um novo caminho para extensão rural sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. pp 55-68.

ROSENDAHL, Zeny. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In ROSENDAHL, Zenyr; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. SILVA JUNIOR, Augusto R. **Festejo Quilombola: o Kalunga, o divino, o verso**. In Anais do VI ECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2008, pp. 1-15.

VERAS, Lúcia Maria S. C. **Do Espaço a Paisagem, da Paisagem ao Lugar**: a filosofia, as ciências e as artes, como instrumentos de reflexão na conceituação sobre lugares urbanos. In Revista de Geografia. Recife: v. 11, nº 2, p.103-143, jul/dez 1995. ISSN 0104-5490.